

AFRICANISMOS EM LETRAS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

AFRICANISMS IN THE LYRICS OF BRAZILIAN POPULAR MUSIC

AFRICANISMOS EN LAS LETRAS DE LA MÚSICA POPULAR BRASILEÑA

Damarys Alves da Silva Barbosa¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3811

Recibido: 20/10/2025 | Aceptado: 10/11/2025 | Publicación en línea: 17/11/2025.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema africanismos lexicais em letras da música brasileira, partindo da hipótese que há africanismos lexicais na música, decorrente da situação de adstrato de diferentes línguas africanas com o português brasileiro por no mínimo 300 anos. É realizada uma análise dos africanismos presentes em letras de músicas conhecidas popularmente no Brasil. As músicas selecionadas estão entre as mais tocadas no período de sua gravação. As letras são selecionadas por década, desde a o início da indústria fonográfica no Brasil, nos anos de 1900, até os anos de 2000. É verificada a presença ou a não aparição desses africanismos em letras de diferentes estilos musicais. Serão verificados também os campos semânticos dos africanismos segundo as normas linguísticas que estão inseridos. Além da amostragem porcentual dos campos semânticos por período analisado. São utilizados para análise das línguas africanas e origem dos termos, os materiais elaborados por autores como Nei Lopes (2005), Pessoa de Castro (2011), dentre outros. A pesquisa é de base metodológica qualiquantitativa, sendo seccionada em três momentos. O primeiro capítulo diz respeito a influência linguística africana no português do Brasil. No segundo momento, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a formação da identidade da música brasileira. No terceiro momento, é exposto os africanismos encontrados, a língua africana que lhes deu origem e ainda o campo semântico no qual pertence. Os dados são apresentados em tabelas e gráficos para melhor compreensão. E, por conseguinte, as considerações finais, com a exposição dos resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Português Brasileiro. Africanismos. Música. Linguísticas.

ABSTRACT

The present work focuses on the theme of lexical Africanisms in Brazilian song lyrics, based on the hypothesis that there are lexical Africanisms in music resulting from the adstratum situation of different African languages with Brazilian Portuguese for at least 300 years. An analysis of Africanisms present in lyrics popularly known in Brazil is performed. The selected songs are among the most played during the recording period. The lyrics are selected by decade, from the beginning of the recording industry in Brazil, in the 1900s, until the 2000s. It is verified the presence or non-appearance of these Africanisms in lyrics of different musical styles. The

¹ Mestra em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil.
E-mail: profadamarys@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3487-3080>

semantic fields of Africanisms will also be verified according to the linguistic norms that are inserted. In addition to the percentage sampling of semantic fields by period analyzed. For the analysis of African languages and origin of terms, the materials elaborated by authors such as Nei Lopes (2005), Pessoa de Castro (2011), among others, are used. The research is qualitative and quantitative methodological, being sectioned in three moments. The first chapter concerns the African linguistic influence in Brazilian Portuguese. In the second moment, the research proposes a reflection on the formation of the identity of Brazilian music. In the third moment, it is exposed the Africanisms found, the African language that gave rise to them and also the semantic field in which it belongs. Data are presented in tables and graphs for better understanding. And therefore, the final considerations, with the exposure of the research results.

Keywords: Brazilian Portuguese. Africanisms. Music. Linguistics.

RESUMEN

Este trabajo se centra en los africanismos léxicos en las letras de canciones brasileñas, partiendo de la hipótesis de que existen africanismos léxicos en la música, resultado del adstrato de diferentes lenguas africanas con el portugués brasileño durante al menos 300 años. Se realiza un análisis de los africanismos presentes en las letras de canciones populares en Brasil. Las canciones seleccionadas se encuentran entre las más escuchadas durante el periodo de su grabación. Las letras se seleccionan por décadas, desde los inicios de la industria discográfica en Brasil en la década de 1900 hasta la década de 2000. Se verifica la presencia o ausencia de estos africanismos en letras de diferentes estilos musicales. También se examinarán los campos semánticos de los africanismos según las normas lingüísticas en las que se insertan. Además, se utilizará un muestreo porcentual de los campos semánticos por periodo analizado. Para el análisis de las lenguas africanas y el origen de los términos, se recurre a materiales de autores como Nei Lopes (2005), Pessoa de Castro (2011) y otros. Esta investigación se basa en una metodología mixta (cualitativa y cuantitativa) y se divide en tres partes. El primer capítulo aborda la influencia lingüística africana en el portugués brasileño. La segunda parte propone una reflexión sobre la formación de la identidad de la música brasileña. La tercera parte presenta los africanismos encontrados, la lengua africana de la que provienen y el campo semántico al que pertenecen. Los datos se presentan en tablas y gráficos para facilitar su comprensión. Finalmente, las conclusiones presentan los resultados de la investigación.

Palabras clave: Portugués Brasileño. Africanismos. Música. Lingüística.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma enorme diversidade cultural, tendo em vista que foi povoado por diferentes nações. Nesse processo de contato com múltiplas culturas e a língua sendo uma forma dos indivíduos se comunicarem, esta é composta por diversos fatores sociais, como explica Mário

Martelotta (2007, p.16), que define a língua como “um sistema de signos vocais utilizados por meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística”. Dessa forma, a música por ser caracterizada por costumes de uma comunidade, esta traz marcas linguísticas, portanto a música brasileira é constituída da junção de culturas, como a indígena, a portuguesa, e dentre estas nações, damos ênfase aos povos africanos.

A língua portuguesa do Brasil em seu processo de formação, recebeu empréstimos africanos, que são denominados de “africanismos” devido ao influxo africano no período de escravização. A interferência política presente no Brasil colônia, fez com que o português europeu fosse considerado a língua de prestígio, e as outras línguas fossem deixadas de lado, com isso, muitos registros históricos das línguas dos escravizados foram perdidos ou simplesmente deixaram de existir. Porém isso não foi suficiente para extinguir a aparição destas línguas no português, e isso é um dos pontos que diferenciam a língua portuguesa do Brasil.

A pesquisa parte então da hipótese que as línguas africanas não foram totalmente apagadas, como explica Pessoa de Castro (2008), que afirma que em decorrência do contato de línguas africanas com o português por pelo menos 300 anos, as línguas africanas ainda podem ser encontradas.

Acredita-se que a música, por ser resultado cultural de uma nação, esta carrega heranças das influências que recebeu, assim, as letras musicais do Brasil devem trazer traços dos povos que contribuíram na sua formação. O estudo parte, portanto, do pensamento que há africanismos lexicais na música, decorrente da situação de adstrato de diferentes línguas africanas com o português brasileiro por aproximadamente quatro séculos, como pontua, Pessoa de Castro (2011).

O presente trabalho tem como tema os vocábulos de origem africana presentes no léxico do português do Brasil, especificamente os vocábulos encontrados em letras da música brasileira dos anos de 1900 em comparação aos anos de 2000. Os anos de 1900, período escolhido para iniciar a análise de letras de músicas, pois esse momento foi um marco para a indústria fonográfica no Brasil, a responsável pela gravação de músicas. Essas gravações são, portanto, uma maneira de deixar registrada uma canção.

Considera-se ainda, que nos anos de 1900, o Brasil já possuía seu alicerce musical estruturado, ou seja, sua identidade musical. Surge então a primeira música gravada, no ano de 1901 pela precursora nesse ramo fonográfico no Brasil, Casa Edison, a partir de então foram surgindo muitos sucessos e a indústria fonográfica evoluindo disparadamente, e posteriormente, foram surgindo sucessos como “Ó abre alas” que é referência do Carnaval brasileiro até a

atualidade, dessa forma esse período não poderia ser deixado de lado. O então trabalho, propõe verificar a presença ou não de africanismos, ou seja, palavras de origem africana, no período que foi a introdução da música gravada e divulgada no Brasil.

É realizada a análise dos africanismos presentes em músicas conhecidas popularmente no Brasil, sendo verificada a presença ou a não aparição desses africanismos em letras de diferentes estilos musicais. Há também a investigação sobre esses vocábulos, para saber se estes foram introduzidos recentemente ou com o contato das línguas africanas na formação do português do Brasil. Os africanismos encontrados serão analisados segundo as normas linguísticas que estão inseridos. É verificado também os campos semânticos dos africanismos, verifica-se a maior ocorrência de influências africanas em determinado campo semântico.

Esta pesquisa é de natureza qualiquantitativa, verifica-se a frequência com que os africanismos aparecem nas músicas escolhidas e se esta frequência permaneceu com o passar dos anos em décadas mais distantes do período, como nos anos 2000, em contraste com as músicas mais próximas do final período escravista no Brasil, nesse caso, os anos de 1900.

Foi realizada uma seleção de estilos estéticos musicais das músicas/ letras que de acordo com alguns sites, foram músicas de grande sucesso na década em questão. Os gêneros musicais escolhidos, são preferivelmente os de base africana, partindo da hipótese de que as influências africanas devem estar mais concentradas nesses gêneros, como por exemplo o lundu, samba, axé e etc.

Os vocábulos foram coletados e analisados manualmente, com o auxílio de pesquisas realizadas anteriormente sobre estes. Para auxiliar a análise dos vocábulos encontrados, foram utilizados os estudos sobre línguas africanas e dicionários.

Um dos objetivos desta pesquisa é documentar as informações linguísticas presentes na cultura de uma nação. Desta forma o então trabalho, oportuniza o conhecimento do uso dos africanismos no cotidiano dos brasileiros; propondo uma reflexão sobre a presença deste vocabulário e o que informam acerca desta herança linguística-cultural.

Este trabalho tem o intuito de incentivar o respeito pela cultura afro-brasileira, expondo que a língua portuguesa do Brasil recebeu fortes influências africanas, e estas influências fizeram com que o português do Brasil se diferenciasse do português de Portugal.

Esta pesquisa possui grande relevância para estudos sobre a formação cultural do Brasil, além de expandir os conhecimentos para a formação de professores, tendo em vista a obrigatoriedade de ministrar aulas sobre a cultura afro-brasileira nas escolas públicas e

particulares, do ensino fundamental até o médio, segundo a lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08.

A INFLUÊNCIA LINGUÍSTICA AFRICANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

É incontestável que o português do Brasil diverge do português europeu, apesar dos esforços de tornar o português brasileiro mais próximo possível do português europeu. Exemplo dessa tentativa de aproximar o português brasileiro do português europeu são as reformas ortográficas, que visam sempre a proximidade da gramática europeia com a brasileira. Pode ser citado ainda como exemplo do constante esforço em diminuir o português falado no Brasil os preconceitos linguísticos, como cita Bagno (2007), ao quebrar mitos impostos a um Brasil colonial e que perdura até a atualidade. Um desses mitos é o pensamento de que somente é falado português em Portugal, e que no Brasil os falantes não sabem português, até porque estes falantes muitas vezes imaginam que o português é exclusivamente aquele memorizado gramaticalmente nas aulas de língua portuguesa na escola. Nesse momento a escola muitas vezes ao desconsiderar as variações linguísticas regionais dos falantes, acaba reproduzindo e fortalecendo o preconceito linguístico, enquanto deve ocorrer exatamente o oposto. A escola como reprodutora de conhecimento, deve ampliar o campo de visão de mundo do aluno e quebrar mitos, pois o povo brasileiro sabe seu idioma, pois estes, falam o português brasileiro.

A língua portuguesa é falada em diversas partes do mundo, e o português europeu sendo a língua do colonizador do Brasil é a língua de prestígio. Como aconteceu na África. Não devemos pensar, portanto, apenas no português de Portugal ou português do Brasil. A África é um continente que possui diversos países que têm o português como idioma oficial, são estes, a Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial. Além desses países, é sabido que outros países são falantes de português como segunda língua e também a língua que permanece em grandes comunidades da África Austral, constituída por angolanos, moçambicanos e portugueses.

É importante pensar no contato da língua portuguesa europeia com a língua portuguesa da África, como também as demais línguas africanas, que são muitas. Isto ainda levando em consideração que estamos tratando do período de formação da identidade da língua brasileira.

Na escravização foram traficadas para o Brasil entre o século XVI e o século XIX de quatro a cinco milhões de pessoas de duas regiões do continente africano, a África subsaariana:

região banto, localizada por toda extensão sul da linha do equador, e a região oeste africana ou sudanesa: se estende do Senegal à Nigéria (Castro, 2011).

A região banto congrega um grupo de 300 línguas que possuem muitas semelhanças, e são faladas nos países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul. (Castro, 2011).

Dentre as 300 mil línguas banto, as mais faladas no território brasileiro foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O Quicongo, da região da República Popular do Congo e também na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo, falado na região central de Angola e o umbundo do sul de Angola e em Zâmbia (Pessoa de Castro, 2011).

Mattoso (2003) explana acerca dos grupos etnolinguísticos africanos que mantiveram contato com o português do Brasil, desde o século XVI até o século XIX, e a origem destes grupos, organizada por séculos e também o destino destas nações africanas ao chegar no Brasil.

Quadro 1 – Ciclo do tráfico de escravizados e origem etnolinguística

SÉCULO	CICLO	ORIGEM ÉTNICA	DESTINO
XVI	Ciclo da Guiné	Negros da Costa da Guiné (<i>uolof, mandiga, sonrai, mossi, hauçá e peul</i>)	Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (demandas da economia açucareira)
XVII	Ciclo de Angola e do Congo	Negros banto, oriundos da África equatorial e central	Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (demandas da economia açucareira e conflitos luso-holandeses)
XVIII	Ciclo da Costa da Mina e, posteriormente, da Baía de Benin	Sudaneses	Minas Gerais (extração aurífera)
XIX	Tráfico ilegal de escravos	Negros banto (Angola e Moçambique)	São Paulo (economia cafeeira)

Fonte: MATTOSO, 2003, p. 22-23.

O quadro de Mattoso (2003) apresenta sobretudo a composição étnica dos escravizados trazidos ao Brasil. E são esses povos étnicos relevantes na construção linguística da língua portuguesa do Brasil. É notável que a influência étnica dos grupos citados no quadro de Mattoso, fizeram com que o português do Brasil possuísse semelhanças com o português africano, como

pontua Petter (2008), que as concordâncias de gênero e número do sintagma nominal entre os crioulos da Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde se assemelham com variedades da forma não padrão do português do Brasil. É pontuado ainda, as relações comerciais entre Brasil e Angola, desde meados do século XVI, quando os “brasílicos” negociaram de forma direta com a África, o que pode explicar os muitos empréstimos de origem angolana no cotidiano brasileiro. Como Pessoa de Castro (2011), elucida que em sua maioria os empréstimos africanos no português brasileiro, são provenientes da Angola.

As semelhanças existentes no português do Brasil com o Português africano, no nível fonológico, como explana Alkmim (2002), é notado que tanto no português de Angola, quanto no português de Moçambique as vogais tônicas e as vogais átonas são articuladas e epêntese de vogais, essa epêntese ficou considerada no português do Brasil como uma característica de fala de negro. Essa epêntese de vogais (i e o) que desfaz encontros consonantais, como nas palavras: *peneu*, *rítimo*, *psiquiatria*. Há também a ausência de oposição fonológica entre vogal baixa e vogal central de abertura média, que some em ditongos: s[ej] t[e]nho. Em consoantes acontece a ausência do fonema lateral palatal em variedades do português, comum em vocábulos como [trabaia], [muié], e eventualmente como uma lateral vou [le] *agradecer*, de acordo com Chavagne. (2005)

Ainda a respeito do nível fonológico, Laban (1999), relata dados coletados em sua pesquisa em Moçambique e Chavagne (2005) na sua pesquisa em Angola os metaplasmos, que são alterações fonéticas na língua, por substituição, supressão e por acréscimo.

Os metaplasmos de substituição, podem ser por metátese, comum em: *pruguntar*, *dromir*, *prespectivas*, no português de Moçambique (Laban, 1999, P.85).

E os metaplasmos por assimilação, no português de Moçambique, com o apagamento do *e*, substituído por *i*, cita exemplos disso em: *bibida*, *dispois*, *quirido* e *vistido*. Chavagne (2005, P. 81) dá exemplos de assimilação na língua portuguesa da Angola, que ocorre o mesmo em vocábulos como: *minino*, *milhor*, *piqueno*, *sinhor*,

E o metaplasmo de supressão, por aférese, que no português angolano nas formas tá, inda, por estar, ainda. (Chavagne, 2005, P. 114). E no português de Moçambique a perda do *a*, em palavras como: *bafado*, *banar*, *bandoar* (Laban, 1999. P. 77). Por síncope, no português angolano em: *tamém*, *memo*, ou por apocope, a queda do *r* final do infinitivo, exemplos: *chamá*, *ficá*. (Chavagne, 2005 P. 78 e P. 114)

Nos metaplasmos por acréscimo, há casos de prótese, que é acrescentado a vogal *a*, tanto

em Moçambique quanto em Angola. Chavagne relata os exemplos: *aparecidos*, *afamoso*. Laban (1999. P. 80) explica que esse fenômeno ocorre em Portugal, Brasil e Angola, e cita exemplos em Moçambique: *aparar*, *agramar*, *atrapalhice*.

Assim como no nível fonológico, no nível morfossintático há também semelhanças entre o português do Brasil e o português da Angola, como explica Chavagnes (2005, p 251), e estas semelhanças acontecem majoritariamente na linguagem coloquial. Vejamos alguns exemplos:

- a) O desuso do artigo, em que no português europeu é utilizado com mais frequência, diante de pronomes possessivos: *Meu primo que me achou*.
- b) O desuso do -s no final das formas verbais: *as casa* (Chavagne, p. 235)
- c) A redução da flexão verbal em 3º pessoa: *tu vai levar um, não é?* (Chavagne, p. 235)
- d) A preposição *em* que é a mais usada em Angola, ao invés da utilização do artigo *a* com o verbo *ir*: *vamos no comício*. (Chavagne, p. 225)
- e) A colocação pronominal confusa, pois na Angola o pronome parece não seguir uma regra: *me ajuda ainda a pisar a fubá*. (Chavagne, p. 247)
- f) O emprego do pronome *lhe* como objeto direto: [...] *se eu lhe encontrar*.

O português do Brasil também possui pontos em comum com o português de Moçambique, como explana Laban (1999):

- g) A utilização da 3º do singular, sendo o sujeito de 1º pessoa: *nós vai morrer, nós é dono de nós, nós já aprendeu, nós fazia, nós pôde aproveitar*. (Chavagnes, p. 142)
- h) O uso da 3º pessoa do singular com sujeito da 3º do plural: *os soldado branco sabe, teus filhos não vai comer nada, minhas pernas dói*. (Chavagnes, p. 143)

Essas ocorrências encontradas por Chavagne no português angolano e Laban no português moçambicano, são facilmente localizadas no português do Brasil, na norma não padrão. É sabido que a língua não padrão se modifica mais rápido em comparação à língua padrão, já que a gramática normativa não segue a mesma velocidade de evolução da língua. Assim é mais provável que as influências linguísticas ocorram majoritariamente na linguagem popular. Porém, isso não descarta a possibilidade de acontecerem modificações linguísticas na norma culta.

O português do Brasil que se formou a partir da miscigenação cultural de múltiplas línguas, pois o Brasil não foi povoado somente de portugueses, e sim de diversas nações que permaneceram em contato com o português de Portugal, que apesar de ser a língua de domínio, não impediu por completo a comunicação de membros de outras etnias de abandonarem suas línguas e seus costumes. A língua falada no Brasil recebeu então contribuições de línguas como

as dos povos indígenas, africanos, franceses, dentre outros povos que continuam a influenciar as mudanças linguísticas do português do Brasil. Visto que é sabido que a língua permanece em evolução contínua.

O Brasil colônia de Portugal, recebeu um número de africanos que não se tem exatidão e historicamente os registros desse tráfico de pessoas são escassos. Contudo, estudos como os de Goulart (1950), apontam que o Brasil recebeu cerca de 3,6 milhões de escravizados de origem africana, porém esse número pode ser ainda maior devido à escassez de registros. Como elucida Castro (2008), que mostra que mais de quatro milhões de africanos foram trazidos para o Brasil. O comércio escravista perdurou por séculos em todo o mundo, o Brasil foi um dos últimos países a encerrar o tráfico negro.

O português europeu esteve em contato com línguas africanas no Brasil por pelo menos três séculos, como explana Pessoa de Castro, levando em consideração que nesse contexto a população africana é superior numericamente em relação à portuguesa.

Não podemos ignorar o fato de que o português foi imposto de qualquer maneira como segunda língua a uma população majoritariamente de falantes africanos por três séculos consecutivos e o Brasil, hoje possui a maior população afro-descendente concentrada fora do continente africano. (CASTRO, 2009, p. 175)

E nesse momento deve-se levar em consideração que os escravizados trazidos da África também carregavam consigo sua cultura, e, portanto, suas línguas. Entende-se que o contingente africano possui uma vasta diversidade de línguas e dialetos, e com isso contribuíram fortemente no processo de construção da cultura brasileira e por conseguinte, contribuíram também na formação da riquíssima língua portuguesa do Brasil. A língua portuguesa do Brasil ao longo dos anos se diferenciou em alguns aspectos do português de Portugal, pois o português de Portugal ao chegar no Brasil sofreu influências de outras línguas.

A própria colonização das terras brasileiras juntamente com o contato dos povos que já a habitavam, foi um momento marcante para o processo de formação da língua portuguesa do Brasil.

Pode-se obter diferentes resultados dependendo do tipo de contato de línguas, como explica Petter (2008), isto é chamado de *contato linguístico*, esse contato pode resultar em *empréstimos*, que é a admissão da palavra em outra língua, ou seja, começa-se a utilizar a palavra da outra língua cotidianamente. Ocorre também a alteração da fonologia e da gramática, misturando as línguas e formando os denominados *pindgin* e *crioulo*. O pindgin é um sistema de

comunicação elaborado por pessoas que não compartilham de uma mesma língua para se comunicar e que irá formar posteriormente o *crioulo*, quando se torna língua materna. Porém, esse contato não se estabelece sempre desta maneira, as línguas em seus aspectos sociais, sofrem modificações resultantes de determinado contexto social, como explana Petter (2008), a dominação política e econômica intervém para que esse processo não aconteça de forma igualitária, cita como exemplo disto os povos conquistados e escravizados, que tem sua língua como substrato e a língua do dominador como superstrato.

A interferência política presente no Brasil fez com que o português europeu fosse considerado a língua de prestígio, e as outras línguas fossem deixadas de lado, com isso, muitos registros históricos das línguas dos escravizados foram perdidos ou simplesmente deixaram de existir. Porém, isso não foi suficiente para extinguir a aparição destas línguas no português, e isso é o que diferencia a língua brasileira e a enriquece, e estas línguas menosprezadas sobreviveram mesmo que como heranças, mas não foram totalmente apagadas.

Segundo Jeffers e Lehist (1979, p. 138) empréstimo é “um termo geral usado para referir a mudança linguística devida ao contato entre línguas”. O português do Brasil em sua formação recebeu empréstimos linguísticos africanos, que são denominados de africanismos. Esses africanismos mostram que o contato linguístico resultou em mudanças na língua portuguesa do Brasil. Exemplo de africanismos, presentes no cotidiano brasileiro, são dos vocábulos mencionados por Castro:

[...] são marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira e que transitam no âmbito da recreação [...] das poéticas orais (os tutus dos acalantos, o tindolelê das cantigas de roda), das doenças (caxumba, tunga), da flora (dendê, maxixe, jiló, andu, moranga), da fauna (camundongo, minhoca, caçote, marimondo), dos usos e costumes (cochilo, muamba, catimba), dos ornamentos (miçanga, balangandã), das vestes (tanga, sunga, canga), da habitação (cafofo, moquiço), da família (caçula, babá), do corpo humano (bunda, corcunda, banguela, capenga), dos objetos fabricados (caçamba, tipóia, moringa), das relações pessoais de carinho (xodó, dengo, cafuné), dos insultos (sacana, xibungo, lelê), do mando (bamba, capanga), do comércio (quitanda, bufunfa, muamba, maracutaia). (CASTRO, 2011, p. 2)

Esses vocábulos estão no cotidiano brasileiro e enriquecem significativamente a língua portuguesa do Brasil na formação da sua identidade linguística.

A Presença da África na Música Popular Brasileira

“Uma das várias influências da cultura africana para a identidade do povo brasileiro, foi na música com a percussão, constituindo hoje um leque bastante significativo para a formação da cultura brasileira” (PAN, TELES, 2006, p.85)

A cultura brasileira possui fortes raízes da cultura africana, tendo em vista as heranças deixadas por seus antepassados no período da escravidão. É incontestável as contribuições africanas na formação da identidade cultural brasileira, sendo importante ressaltar que esta, não se limita na música, vai além, estando presente na religião, sendo os mais conhecidos popularmente nos rituais do Candomblé, Umbanda, e ainda na culinária, com pratos que representam a culinária brasileira, dentre os quais podemos citar o acarajé, o dendê, o abará, dentre outras, como cita Castro (2001). E assim as marcas africanas se fazem presentes no dia a dia dos brasileiros.

É sabido que a música por ser produto cultural de cada sociedade, carrega consigo as características de seus costumes, bem como a língua falada pela comunidade.

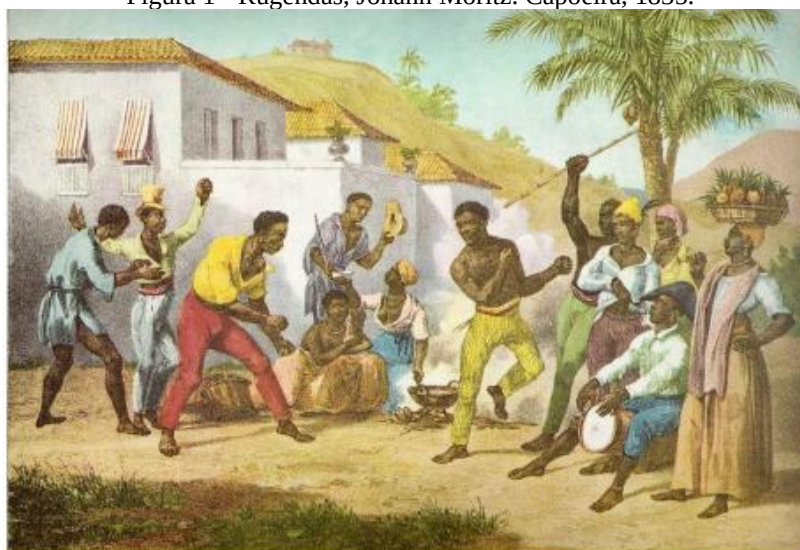
Conforme Almeida (1926), ao buscar definir a “música popular” do Brasil, afirma que os africanos teriam desempenhado a maior parte da influência na formação de diversos ritmos brasileiros, com suas diversas variações do jongo e seus batuques. O jongo no qual o autor se refere é especificamente de origem africana. Este defende que os termos utilizados para compor as letras musicais, cita como exemplo o samba, são dotados de melancolia e libidinagem.

O processo de formação da música popular brasileira (MPB) não poderia deixar de lado os costumes dos povos que em sua maioria populacional povoaram o território brasileiro, durante um período considerável, não é por acaso que o Brasil possui a maior quantidade de afrodescendentes fora do continente africano.

O estilo musical brasileiro, de acordo com Mello (1908) constituía-se em três variantes: a tirana, a modinha, e o lundu. Era forte a influência espanhola, com suas tiranas e fandango e ainda a influência portuguesa na forma de canto popular, com a modinha, e o lundu, de gênese africana, se sobressai, sendo formado pela reunião do samba e cantos e dos batuques.

Os escravizados africanos, mesmo com condição de vida precária, não abriram mão dos seus ritmos, da sua marca identitária africana, como explana Gallet (1934) que confere aos africanos a maior influência musical, com suas danças, cantos e costumes. Gallet (1934) pontua ainda que foram mantidos muitos costumes, mas também se adaptaram a muitas coisas.

Figura 1 - Rugendas, Johann Moritz. Capoeira, 1835.



Fonte: <<https://nacoesunidas.org/especial-entre-o-brasil-e-a-africa-houve-uma-troca-forte-e-poderosa-alberto-da-costa-e-silva/roda-de-capoeira-johann-moritz-rugendas-1835/>> Acesso em 16, ago. 2019.

Dentre as características musicais dos negros no Brasil, Gallet(1934), cita a especificidade da melodia e dos ritmos, e sua contribuição folclórica nas manifestações musicais, como nas cerimônias em festas em geral, exemplo disto é o carnaval. E essa contribuição continua nas danças brasileiras, por exemplo: cateretê, caxambu, batuque, samba, jongo, lundu, maracatu etc.

Essa influência que o autor explica refere-se as diversas manifestações musicais deixadas pelos negros no Brasil, como exemplo temos as contribuições folclóricas. A música carregada de melancolia e ritmo. O autor cita algumas manifestações cerimoniais, dentre elas os festejos, reis, mortos e o carnaval etc. Nos cantos se faz presente a ancestralidade africana como citado anteriormente no lundu, na chula, acalantos, nos rituais religiosos, nas congadas e etc. E cita como marca africana na dança o batuque, samba, jongo, maracatu, caxambu, catererê e etc.

Para Mello (1908), o lundu forma posteriormente as chulas, eram composições poéticas que eram usadas como tema do samba, e cita o recôncavo baiano para a valorização realçada pelo samba de crioulos e mestiços, com meneios e as umbigadas e os sapateados, com o corta-jaca, o miudinho, o chorinho, o baiano e o côco.

A música brasileira passou por diferentes processos para chegar no conceito de “música popular brasileira” (MPB). Levando em consideração as fortes heranças culturais deixadas pelos povos africanos, é possível encontrar nas letras da MPB, em seus diferentes estilos e nos tipos de danças, como também nos variados instrumentos musicais presentes no Brasil atualmente, ligações linguísticas africanas com outras línguas.

A Gênese da Música Brasileira

Desde o Brasil colonial, já existiram festejos, com muitas músicas e danças. As festividades, cerimônias e religiosidades africanas contribuíram para a formação dos estilos musicais propriamente ditos como brasileiro. De acordo com Lopes, (2005) no início da colonização já haviam festas nas ruas das principais cidades para a coroação dos “reis do congo”, que eram pessoas símbolo de autoridade dos *muene-e-Kongo* e com as quais os portugueses trocavam credenciais no início das expedições à África subsaariana.

Esses cortejos eram realizados como uma maneira de perpetuar os costumes africanos, como uma maneira de enaltecer os reis na África, e uma das características destes festejos eram as palavras ou expressões oriundas do idioma a que pertenciam, quicongo e quimbumdo, com cânticos festivos e danças, costumes dos monarcas bantos. Lopes (2005) explica que os festejos de “reis do Congo”, “congadas”, “congados” ou “cucumbis”, de origem do quimbumdo Kikumbi, que é uma festa relacionada aos ritos de passagem para a puberdade e que as congadas no Brasil constituíram a essência dos festejos brasileiros, que formariam os maracatus, dos ranchos de reis, posteriormente carnavalescos e as escolas de samba.

As escolas de samba nasceram da fonte cultural africana, o vocábulo samba, segundo Lopes (2005), significa “cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito”, entre os angolanos quicocos (*chokwe*) e para os angolanos bacongos e congueses designa um tipo de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro. Essas duas formas descritas, de acordo com Nei Lopes (2005), são originadas da raiz multilinguística *semba*, que significa “rejeitar, separar” que originou *di-semba* do quimbumdo *di-semba*, umbigada. A umbigada é um samba rural com batuques, como calango, jongo, etc.

As variedades da música brasileiras estão fortemente ligadas ao grupo etnolinguístico banto, desde os instrumentos que compõem seu ritmo. Lopes (2005) cita alguns exemplos de instrumentos musicais originários do banto, utilizados no continente americanos e no caribe, introduzidos pelos africanos, são estes a cuíca ou puíta, o berimbau, o gonzá e o reco-reco. Estes instrumentos são conhecidos e utilizados no Brasil, e fazem parte da formação musical nas festividades, como nos folguedos de ruas, dos quais se originam as congadas.

O Estado do Rio de Janeiro foi palco para as mais diversas manifestações da cultura africana, não é por acaso que o Estado possui um vasto repertório de composições do samba. A criação das escolas de samba aconteceu legitimamente no Rio de Janeiro, Lopes (2005) explana

acerca da estruturação na cidade do Rio de Janeiro, especificamente na região conhecida tradicionalmente como “Pequena África”, uma comunidade baiana, localizada nas cercanias da Praça Mauá, até Cidade Nova, nas proximidades do atual Sambódromo. Lopes (2005) descreve que a comunidade realizava festas geograficamente estratificadas, nas quais se tocava o choro na sala, e no quintal estava acontecendo o samba rural, batido na palma da mão, pandeiro, danças com sapateados, peneiradas e umbigadas.

Aluísio de Azevedo, no romance intitulado *O cortiço*, relata um evento na casa de uma personagem, denominada de Rita Baiana, em que faz a descrição dos “chorado” da Bahia, que seria um lundu, tocado e cantado. O lundu, como declara Lopes (2005) seria o antecessor do que viria a ser o samba, com as heranças dos batuques da Angola e do Congo.

O samba, como é caracterizado atualmente, como ritmo consolidado brasileiro não tinha essa definição. Lopes (2005) relata que o tipo de samba mais tradicional no Rio de Janeiro é o partido-alto, este é descrito como um samba cantado em forma de desafio, uma parte da canção é o coral e a outra é solada, podendo ter dois ou mais participantes. Estas características, segundo Lopes (2005), tem sua gênese na canções de batuques da Angola, em que as letras são compostas por improvisos e se constituem normalmente na narrativa situações amorosas, atos sobrenaturais e heróicos.

A música brasileira está estritamente ligada à matriz africana, tendo em vista que o samba possibilitou o surgimento de ritmos e gêneros da música brasileira. Lopes explica ainda que os ritmos e gêneros que há na música brasileira que não são reprocessamento de formas estrangeiras, tem origem no samba ou possuem um parentesco com o samba. Portanto, a música brasileira deve muito do seu louvor ao continente africano.

METODOLOGIA

Esta pesquisa propõe uma análise acerca dos vocábulos de origem africana na música brasileira. É analisada a origem dos vocábulos e o campo semântico no qual estes pertencem. É verificado também, a frequência com que estes aparecem ou não. Sendo assim, averiguada a ocorrência desses vocábulos na música brasileira desde o início da indústria fonográfica, que é a responsável pela gravação musical, ou seja, o registro das canções, e além disto, a disseminação de sucessos, que são as músicas que agradam muitos ouvintes. O início da indústria fonográfica no Brasil aconteceu nos anos 1900, que é, portanto, o ponto de partida desta pesquisa, e estendeu-

se até os anos 2000. Para a viabilização do estudo de um vasto período, que nesse caso constitui o equivalente a um século, a pesquisa traz uma amostragem no que diz respeito ao número de músicas selecionadas. As músicas são divididas por décadas, anos 1900, 1910, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000. Foram selecionadas três músicas de cada década analisada, o que totalizou 33 músicas selecionadas. É comparado a frequência com que os africanismos aparecem em 1900, que é um período consideravelmente próximo do período escravista no Brasil com os anos 2000, que está mais distante desse período.

Para a escolha das músicas foi realizada uma seleção das músicas nacionais mais tocadas de cada período, que foram encontradas nos sítios: <http://ofascinanteuniversodamusica.blogspot.com/>. Posteriormente, os vocábulos pertinentes para a coleta foram analisados manualmente, com o auxílio de pesquisas em dicionários que comprovem sua origem e também de pesquisas anteriores sobre estes, como os estudos de Lopes (2005), Castro (2011), Margarida Petter (2008), dentre outros.

Os africanismos são expostos por meio de um gráfico para melhor compreensão destes. O quadro apresenta as músicas organizadas por década que são representadas pela sigla “Let”, refere-se a “letra” e em seguida os números que representam a década da música e posteriormente o número que indica a ordem analisada, por exemplo, a primeira letra de 1900 é representada pela sigla “Let.1900.1”. A sigla, juntamente com o ano e o número, representa o código de identificação da letra da música. As letras das músicas estão em um apêndice.

As línguas originárias dos africanismos analisados são representadas por abreviaturas. A língua kikongo representada por Kik. O kimbundo representado por Kimb. O yorubá por Yor. As demais línguas que aparecem em menor número são apresentadas sem abreviação.

São apresentados também o grupo linguístico e a língua de origem no qual o africanismo pertence. Entretanto, quando o grupo linguístico e/ou a língua forem indeterminados, são colocados dois traços - -.

Após o código das letras, é apresentado o ano da primeira gravação da música, em seguida são apresentados os africanismos coletados. Posterior aos vocábulos, apresenta-se a classe gramatical com a utilização de abreviaturas, adj – adjetivo; s.f. – substantivo feminino; f.m substantivo masculino; v – verbo.

A verificação da origem dos africanismos está embasada na pesquisa de Castro, em seu livro intitulado *Falares Africanos na Bahia* (2001), e ainda no dicionário de língua portuguesa Aurélio.

É descrito também o campo semântico que os termos pertencem, com o auxílio de uma tabela, para melhor compreensão deste. Em seguida, é exposto um gráfico elaborado a partir dos campos semânticos, sendo apresentado o percentual das ocorrências do total de ocorrências dos campos semânticos.

Esta, é uma pesquisa de natureza qualiquantitativa, pois se embasa em pesquisas elaboradas por linguistas acerca das línguas africanas e do português e também realiza a amostragem do percentual de africanismos encontrados e sua disposição nos campos semânticos que fazem parte.

O LÉXICO AFRICANO EM LETRAS DA MÚSICA BRASILEIRA

A base da música brasileira nos anos de 1900 já estava alicerçada, numa fusão dos ritmos e estilos musicais de múltiplas nações. E é exatamente nesse período que surgem as gravações musicais no Brasil. Entretanto, é importante ressaltar que a música brasileira já era composta e cantada antes do início das gravações, ao passo que algumas músicas gravadas nos anos de 1900, foram compostas anteriormente.

Lopes (2005), explica que desde o carnaval de rua de 1897 em Salvador, já havia cantos, danças, encenações e alegorias de tradições nagô. Porém, esses cantos não apareceram entre as músicas mais tocadas dessa época, que é o que se propõe verificar nesta pesquisa. Nos anos de 1900, apareceu o único africanismo “dengosa”, uma expressão de afeto que também aparece na década seguinte.

A década de 1910, de acordo Lopes (2005) foi o momento em que o samba tomou contornos da forma atual, e o centro do Rio de Janeiro possuiu sua primeira intervenção urbanística, reorganizando-se e reconhecendo-se como uma expressão de poder, então surgem as escolas de samba, criadas por comunidades negras cariocas. Na década de 1910 surgem, portanto, muitos sucessos nacionais, apesar da música gravada ainda estar em processo de expansão pelo território brasileiro. Entretanto, as músicas mais tocadas deste período trazem uma pequena quantidade de africanismos.

Os anos de 1920, por outro lado, foram encontrados africanismos em uma quantidade maior em relação às décadas anteriores, sendo notável a identidade nacional presente nas letras das canções, e a presença mais nítida da influência linguística africana, como é o caso das palavras “yoyô” e “yayá”, que são encontradas também escritas “iaia” e “ioiô” com a vogal “i”, estes

termos não são de origem africana, porém, sofreram alterações fonológicas com influências africanas. A palavra “yayá, deriva do termo “sinhá” e “yoyô” é um derivado da palavra “senhô”, ambos os termos foram alterados devido a próclise: ioiô, iaiá, sinhâ, sinhô, nhâ, nhô.” (Mendonça: 1935: 122). Nesta década, é utilizada a expressão de afeto “xodó”, além da expressão de sensação “zangá” e a expressão “maluco”, que diz respeito a um desequilíbrio mental.

Nos primeiros anos das músicas analisadas da década de 20, há ausência de africanismos, o que comprova a afirmação acima, feita por Lopes, já que os afoxés são músicas que levam a tradição linguística de origem africana, podendo sustentar o pensamento de que as tradições africanas foram deixadas de lado nesse período inicial da década de 1930.

A música dos anos de 1930 faz parte de um período de transição entre a vitalidade dos afoxés, que como explica Lopes (2005), são conhecidos também como “candomblé de rua”, o afoxé é um cordão carnavalesco de seguidores da tradição dos orixás, apresenta-se com cantigas em iorubá. O período de vitalidade na qual Lopes (2005) explica, diz respeito ao período de expansão que o afoxé teve até o final da década de 1890 e o término nos anos de 1920. A década de 30 vivenciou esta transição, até ressurgirem na década de 1940.

É sabido que a culinária brasileira tem influências africanas, exemplo da presença desses vocábulos do campo da culinária, são os termos utilizados na música. Termos africanos referentes a alimentação começam a surgir na música na década de 30, são exemplos disto os termos: cachaça, abará e acarajé.

Uma canção da década de 40 trouxe um termo novo, formado por um processo de formação de palavras conhecido como aglutinação. Neste caso ocorreu a junção de duas palavras africanas, “batuque”, relacionado a música e “acarajé”, termo relacionado a culinária, resultando na expressão “batucajé”. Aparecem também os termos do campo semântico da alimentação, “quindim” e “fubá”.

A década de 50 mostra em suas letras regionalismos, a música Sertão de Jequié por exemplo, trabalha a retratação do sertão e a vida do retirante do sertão para o Rio de Janeiro. Esta canção traz as expressões de afeto “cafuné” e a expressão que também apareceu na década de 20, o “xodó”. Aparece também na música dos anos 50 o termo “jiló”, um fruto de gosto amargo. Surge ainda neste período o termo “zabumba”, um instrumento de origem africana, foi difundido pelo cantor e compositor Luiz Gonzaga, um fenômeno da cultura musical no Nordeste, no ritmo derivado do lundu, conhecido como “baião”, como explica Alvarenga:

O Baiano ou Baião parece ser uma dança usada apenas da Bahia para cima. Sobre ela se encontram referencias neste Estado, em Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. É uma dança de pares solistas, um homem e uma mulher, com sapateados, palmas, umbigada, meneios e o uso de castanholas ou de um castanholar de dedos que as substitua. [...] A observação interessa, porque parece dar mais estreitamente ao Baiano, as mesmas atitudes do Lundu. Realmente creio possível a suposição de que o Baiano seja mesmo um outro nome do Lundu. Pelo menos uma vez, Pereira da Costa fala claramente do “lundu baiano” (ALVARENGA, 1982, p.177-8).

O baião é tido nesse primeiro momento como uma dança, longe da definição atual, que entendemos o baião como um ritmo específico. Como explana Alvarenga (1982), o baião na sua gênese, se assemelha com o lundu. O lundu possui base africana, assim o baião seria um derivado deste.

A década de 60 apresenta-se como o período de maior presença linguística africana nas músicas mais tocadas. Nesse período, a influência das religiões africanas na cultura brasileira é refletida na música. As religiões de base africanas tiveram o direito à liberdade do culto em decreto em 1946, anteriormente a este decreto todos os cultos eram proibidos, apesar de saber-se que eram realizados secretamente pelos seus seguidores. Embora atualmente a liberdade religiosa seja um direito estabelecido, é sabido que religiões de base africana, como por exemplo a umbanda, ainda sofrem perseguições com uso de violência. Dessa maneira, termos usados na religião da matriz negra apareceu tardiamente na música, mesmo sendo permitido o culto na segunda metade da década de 40, somente na década de 60 aparecem vocábulos do campo da religião africana na música.

É neste contexto que surgiram os “afro-sambas”, como explana Lopes (2005), com o lançamento de sucessos como: “Canto de Ossanha” e “Ponto do Caboclo Pedra Preta”. Ambas publicações de Baden Powell e Vinícios de Moraes em 1966, que valorizaram as religiões de base africana. Exemplo do campo religioso a presença dos termos “xangô”, “orixá” e “macumba”. A presença de novos termos referentes a culinária surge também em letras desta década, como o termo “dendê”, que se refere a azeite extraído de uma palmeira e o termo “canjica”, uma papa à base de milho cozido.

A década de 70, por sua vez, apresentou um número considerável de africanismos, introduziu termos da religiosidade como “”iansã” “ogum” e termos da culinária, como “sarapatel” e “caruru” além do termo “rebolar”, que significa mexer-se e muito usado na dança.

Nas letras das músicas mais tocadas da década de 80, os africanismos estão em quantidade relevante em relação a períodos anteriores. Surge na capital da Bahia, Salvador, movimentos com o intuito da reafricanização do carnaval de rua, utilizando temas que possuem uma conexão direta

com a África, buscando a valorização da cultura africana na região, celebrações dos heróis afro-brasileiros e africanos, contando a história dos países africanos e das lutas negras no Brasil, Lopes (2005).

Aparecem neste contexto os termos “vatapá”, “caruru” e “mugunzá” no campo da alimentação, o termo “olodum” que designa um bloco de carnaval e “banto” que na canção refere-se a povos africanos da região banto.

Os anos 90 mantiveram a presença de alguns africanismos que surgiram em décadas anteriores e acrescentou o termo “fuleiro”, uma expressão que adquiriu sentido pejorativo, entretanto, originalmente designa um dos ramos das línguas do grupo banto, de acordo com Hovelacque, fula o pui, constitui as línguas nubianas, com o núbio, o dongolavi, o tumalê, o koldadji e o kondjara, segundo Hovelacque (apud Mendonsa, 2012, p. 38 e 39).

Nos anos 2000 o número de africanismos diminui muito entre as canções mais tocadas, apresenta um termo não aparente nas letras anteriores, o “timbau”, um instrumento da gênese africana e a designação de uma bebida, que apareceu anteriormente, o vocábulo “cachaça”. Esse período mostrou um declínio da valorização da cultura africana refletida na música.

Quadro 2 - Africanismos em letras da música brasileira

Código das letras	Africanismos	Classe gramatical	Grupo linguístico	Língua ou lugar de origem
Let.1900.3	Dengosa	Adj	Banto	Kik.Kimb
Let.1910.4	Caxangá	S. M	Banto	- -
Let.1910.7	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1910.7	Dengosa	Adj	Banto	Kik.Kimb
Let.1920.8	Xodó	S. M	Banto / kwa	Kik. Kimb
Let.1920.9	Zangá	S. F	Banto	Kik. Kimb
Let.1920.10	Maluco			
Let.1930.11	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1930.11	Batucada	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1930.11	Cachaça	S. F	Banto	Kikongo (kunua)
Let.1930.12	Abará	S. M	Kwa	Yorubá
Let.1930.12	Acarajé	S. M	Kwa	Yor.
Let.1940.13	Quindins	S. M	Banto / Kwa	Kik.
Let.1940.14	Batucagé	S. M	Banto	Kik. Kimb. Yor.
Let.1940.15	Fubá	S. M	Banto	Kik. Kimb.
Let.1950.16	Cafuné	Adj	Banto	Kik
Let.1950.17	Jiló	S. M	Banto	Kik. Kimb.
Let.1950.17	Xodó	S. M	Banto / kwa	Kik. Kimb.
Let.1950.18	Zabumba	S. F	Banto	Kik
Let.1950.18	Batucada	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1950.18	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb

Let.1960.19	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.19	Maracatu	S. M	--	--
Let.1960.20	Saravá	S. M	--	--
Let.1960.20	Xangô	S. M	Kwa	Yor.
Let.1960.20	Orixá	S. M	Kwa	Yor.
Let.1960.21	Bamba	S	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.21	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.21	Xingá,	V	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.21	Macumba,	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.21	Dendê	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1960.21	Canjiquinha	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1970.22	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1970.22	Rebolar	V	Banto	--
Let.1970.23	Iansã	S. F	Kwa	Yorubá
Let.1970.23	Ogum	S. M	Kwa	Yorubá
Let.1970.23	Orixá	S. M	Kwa	Yorubá
Let.1970.23	Xangô	S. M	Kwa	Yorubá
Let.1970.24	Cafuza	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1970.24	Sarapatel	S. M	--	--
Let.1970.24	Caruru,	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1980.25	Vatapá	S. M	Banto	Kik. Kintampa / Kimb.
Let.1980.25	Caruru	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1980.25	Munguzá	S. M		
Let.1980.25	Sambar	V	Banto	Kik.Kimb
Let.1980.26	Olodum	S. M	--	--
Let.1980.26	Bantos	S. M	Banto	--
Let.1980.27	Malucas	--	--	--
Let.1990.28	Batuqueiros	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1990.28	Malucas	--	--	--
Let.1990.28	Samba	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1990.28	Sambista	S. M	Banto	Kik.Kimb
Let.1990.28	Fuleiro	S. M	Fulani	--
Let.1990.29	Zangada	S. F	Banto	Kik.Kimb
Let.1990.29	Ilê	S. M	Kwa	Yorubá
Let.1990.30	Bumba	S. F	Banto	Kik
Let.2000.33	Timbau	S. M	Banto	Kik
Let.2000.33	Cabaça	S. F	Banto	Kik.Kimb

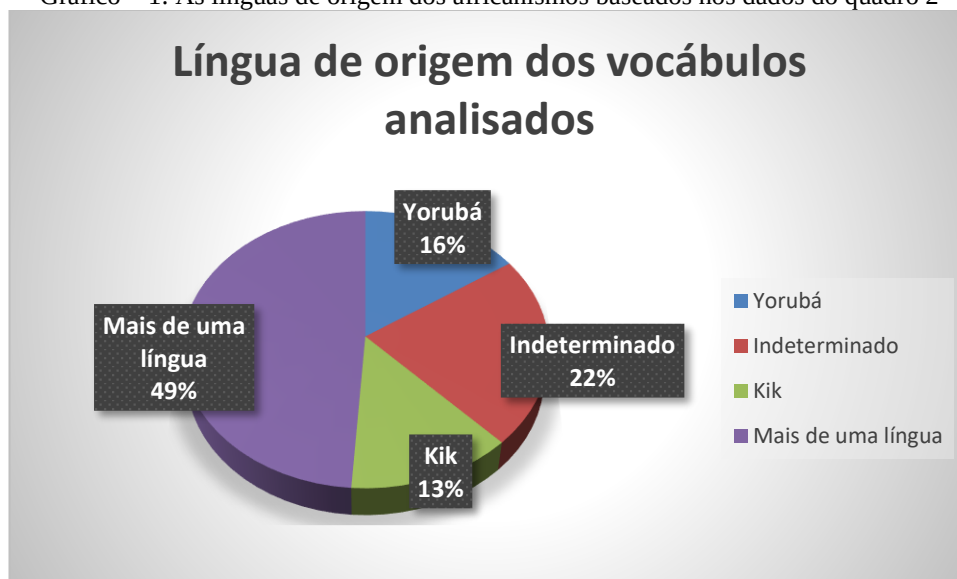
Fonte: Autora.

O quadro dos africanismos encontrados faz um recorte da música brasileira e evidencia que no período mais próximo do regime escravagista os africanismos praticamente não aparecem, um dos motivos que devem ser levados em consideração é o desprezo da cultura africana e a inferiorização estabelecida pela língua portuguesa de Portugal, ao idioma dos povos negros traficados.

Os africanismos podem ser tidos como marcas da resistência de uma nação, o estudo coletou no total 46 africanismos, estes são vocábulos originários de várias línguas, foram identificadas em quantidade relevante, alguns africanismos pertencentes ao grupo banto, majoritariamente das línguas kikongo e kimbundo, e também do kwa, do yorubá, como explana

o gráfico a seguir:

Gráfico – 1: As línguas de origem dos africanismos baseados nos dados do quadro 2



Fonte: Autora.

Alguns vocábulos aparecem como do grupo banto, ou somente como origem africana, sendo assim de maneira muito ampla para definir sua origem, são tidos como não identificados na língua originária. Uma hipótese seria que o português europeu realizou mudanças muito profundas nestes termos, que pode ser verificado apenas o grupo ou o país (no caso a África) que possivelmente trouxe o vocábulo para o Brasil.

O yorubá representa 16% do total das línguas localizadas na música, apesar de autores como Lopes (2005), apontarem que o yorubá tornou-se um tipo de língua geral dos africanos na Bahia, que foram trazidos em grande número, do fim do século XVIII até os primeiros anos do século seguinte.

O percentual representado pela língua kikongo, explica que 13% dos africanismos possuem somente base do kikongo, porém o kikongo aparece em concomitância também com a origem em mais línguas.

O percentual dos vocábulos que são apresentados definidos como “mais de uma língua” serão explanados no próximo gráfico com uma riqueza maior de detalhes, pois estes vocábulos possuem sua origem em duas ou mais línguas da África.

Gráfico – 2: Os africanismos com mais de uma língua de origem baseados nos dados do quadro 2



Fonte: Autora.

É de extrema importância compreender que os dados explanados no último gráfico são referentes não ao total das línguas originária dos africanismos, mas, referente aos 49% que representavam o total, definido como mais de uma língua. Neste gráfico, é possível verificar que o kikongo foi a língua mais frequente nas letras das músicas.

Os vocábulos analisados, de base linguística do quimbundo, concomitantemente possuem origem também no kikongo. O yorubá, aparece também em relação originária no que diz respeito ao mesmo vocábulo, com relação ao kikongo e ao kimbundo, o que também acontece em um outro vocábulo que possuem tanto origem no kikongo e kimbundo e no kintampa.

CAMPOS SEMÂNTICOS DOS AFRICANISMOS NA MÚSICA BRASILEIRA

É sabido que a semântica constitui um ramo da linguística, esta é tida como uma ciência que está relacionada ao sentido dos vocábulos, mais precisamente ao seu significado. Alguns pesquisadores tentaram explicar esse processo mental da linguagem na busca de compreender a semântica. Chomsky (1965), explica que a semântica lida com as ideias que condicionam a interpretação dos enunciados, para Chomsky (1965), a estrutura de uma frase pode ser analisada ao adotar-se uma investigação fonológica e semântica.

Entende-se que a semântica mantém relações internas, exemplo disto são as relações sintagmáticas em posição as relações associativas (paradigmáticas), estas relações ocorrem concomitantemente, como explana Saussure (1999), as relações sintáticas acontecem no eixo

horizontal em relação de sentido as unidades faladas, esta relação diz respeito a articulação entre os sintagmas e suas diversas possibilidades de combinação. Entretanto, as relações paradigmáticas, ocorrem no eixo vertical das relações das unidades, esta é relacionada à associação mental entre a unidade linguística que ocupa determinado conceito.

Essa ciência é capaz de formar conjuntos de possibilidades de combinação de palavras, assim o emissor é capaz de escolher a palavra mais adequada para construir sua mensagem. É sabido, portanto, que o campo semântico é o conjunto de palavras que são unidas por seu sentido.

Os campos semânticos dos africanismos presentes na música, evidencia então o sentido das palavras que mais resistiram à imposição da língua do colonizador do Brasil. Pois a presença dos vocábulos de origem africana na música, é uma comprovação que estes também são utilizados na fala do cotidiano dos falantes de cada época musical analisada.

Quadro 3 - Campos semânticos dos africanismos localizados

Campos semânticos	Vocábulos
Música	Samba, sambista, batucada, batuqueiros, zabumba, maracatu, olodum, cabaça, Bumba, timbau, Batucajé
Religião	Xangô, orixá, macumba, iansã, ogum, ilê, sarava
Alimentos e bebidas	Abará, acarajé, quindins, fubá, jiló, dendê, canjiquinha, sarapatel, caruru, munguzá, cachaça, vatapá
Sentimento ou sensação	Zangá, zangada
Expressão de afeto	Dengosa, xodó, cafuné
Insulto	Xingá, fuleiro
Dança	Sambar, rebolar
Desequilíbrio mental	Maluco, malucas
Habilidade	Bamba
Denominação para indivíduos	Cafuza
Jogo	Caxangá
Grupo linguístico	Bantos

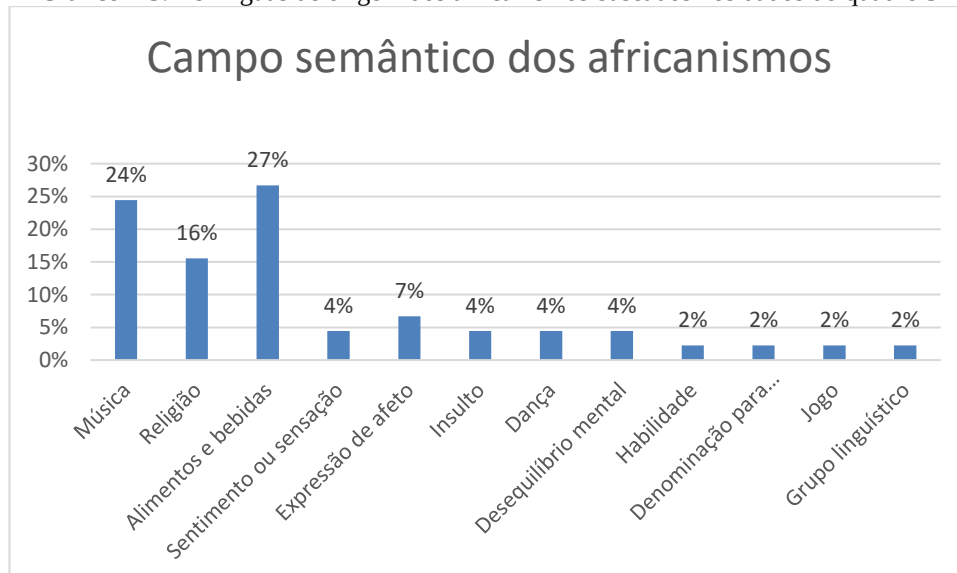
Fonte: Autora.

Os campos semânticos dos alimentos e bebidas tiveram o maior número de ocorrência, o que leva a crer que a população brasileira aceita e valoriza a culinária da gênese africana. As cozinheiras no período de escravização no Brasil eram as africanas, estas por sua vez, utilizaram suas habilidades culinárias para atender as obrigações, e notadamente os sabores da culinária africana agradaram muito, sendo introduzidos como pratos típicos do Brasil. Pratos como o acarajé, vatapá, fazem parte da identidade da culinária brasileira herdada da culinária da África.

O campo semântico referente à música também teve muitas ocorrências, nota-se que muito do ritmo, dos sons, batidas e instrumentos presentes na cultura brasileira, estão ligados à

matriz linguística africana em sua essência. A ocorrência dos campos semânticos será ainda mais entendida com auxílio do gráfico apresentado a seguir.

Gráfico – 3: As línguas de origem dos africanismos baseados nos dados do quadro 3



Fonte: Autora.

O gráfico explana o percentual das ocorrências dos campos semânticos, evidenciando assim, as ocorrências mais frequentes e menos frequentes em relação ao total dos campos semânticos encontrados. Evidentemente, os campos com o maior percentual foram os de alimentos e bebidas, com 27%, seguidos do campo da música, que teve 24%, o campo da religião com 16%. O campo semântico de expressão de afeto com 7% de ocorrências. Os campos semânticos de sentimento ou sensação, insulto, dança, desequilíbrio mental, com o percentual de 4%. As menores aparições foram os campos de habilidade, denominação de indivíduo, jogo e grupo linguístico, com a frequência de 2% do total.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que a música por ser uma expressão do contexto social e dos costumes, é utilizada como uma forma de linguagem, esta apresenta então, características da nação a qual pertence. A música de uma nação diz muito sobre a identidade do povo que a constituiu. Desta maneira, a música não pode ser colocada de lado nos estudos linguísticos e culturais.

A presente pesquisa possibilitou o conhecimento linguístico acerca dos vocábulos de herança africana presentes na língua portuguesa do Brasil (africanismos) e, por conseguinte,

presentes nas letras das músicas do Brasil. As letras nacionais foram analisadas desde o início da indústria fonográfica brasileira, nos anos 1900.

Esta pesquisa propõe uma reflexão acerca dos termos de origem africana que são utilizados diariamente, que muitas vezes os falantes não se dão conta da sua origem africana, por já estarem a tanto tempo enraizados na língua portuguesa do Brasil. Tendo em vista a preocupação com a compreensão das influências linguísticas africanas no português brasileiro, é realizada uma explanação sobre as heranças linguísticas das vozes do povo que majoritariamente habitavam o Brasil.

A pesquisa apresenta os africanismos que apareceram nas letras analisadas dos anos 1900 até os anos 2000. As músicas escolhidas foram as três músicas mais tocadas de cada década. Os africanismos encontrados revelam o período de menor valorização, ou maior apagamento das línguas africanas e também o período de maior enaltecimento da cultura africana.

A pesquisa realiza uma revisão bibliográfica para entender como se deu o processo de formação da música brasileira, ou seja, a base da identidade musical, o processo de construção de seus ritmos e gêneros. Este capítulo da pesquisa defende que a construção inicial musical brasileira teve início desde a chegada dos escravizados traficados no Brasil. Exemplo disto foram os primeiros festejos, que eram realizados para a coroação dos Reis do Congo, pessoas de autoridade simbólica, como explana Lopes, (2005) geralmente eram utilizadas palavras de originárias do quimbundo e quicongo, línguas do grupo banto. Estes festejos contribuíram para introdução das “congadas”, “congados” ou “cucumbis”, que é uma celebração relacionada aos ritos de passagem para a puberdade, uma base para a formação dos festejos no Brasil.

A comprovação da influência desses festejos explanados por Lopes, que deram origem aos maracatus e os blocos carnavalescos, é a presença dos africanismos na música serem em grande parte do grupo linguístico banto, das línguas kiicongo e quimbundo, pertencentes a região do Congo, Angola e Moçambique, e também a presença do yorubá, da região do oeste africano.

Foram identificados 46 africanismos nas 33 letras analisadas, foram identificadas que os africanismos são majoritariamente originários do quimbundo e do kicongo simultaneamente, e ainda 6 somente do kicongo, aparecem também 7 termos da família Kwa, do yorubá e 1 termo da nação fula, de fulani.

O kicongo, língua da região da República Popular do Congo e da República Democrática do Congo e norte da Angola, e o quimbundo, língua da região central de Angola. A língua yorubá da família linguística Kwa, situada no oeste africano, que se estende desde o Senegal até o Golfo

de Benim, na Nigéria. (Castro, 2001). É verificado, portanto, que na música os africanismos são predominantemente das línguas quicongo e quimbundo, sendo dessas línguas as maiores contribuições linguísticas na música.

Os anos 1900 foi o período com menor aparição dos africanismos, o que levou a pensar que por ser um período próximo ao regime escravagista, os afrodescendentes e africanos estavam sob forte imposição da língua portuguesa de Portugal, sendo rejeitada a cultura e com isso as línguas dos povos traficados. O que faz pensar que a não aceitação de palavras africanas no cotidiano nesse período, por preconceito linguístico e racial estava ainda mais forte, e fez com que os africanismos fossem suprimidos até na música.

O período de maior ascensão das línguas africanas foi a década de 60, com 11 ocorrências de africanismos, seguida da década de 70 com 10 aparições e da década de 80 com 7 termos. Estes dados mostram que houve nessas três décadas o intuito de valorização das heranças trazidas da África para o Brasil.

Os africanismos, no que diz respeito à semântica, foram classificados nos seguintes campos semânticos: música, alimentos e bebidas, religião, sentimento ou sensação, expressão de afeto, insulto, desequilíbrio mental, habilidade, dança, denominação do indivíduo, jogo, saudação e grupo linguístico.

O campo semântico com mais africanismos foi o campo de alimentos e bebidas, com a presença de 12 termos. Isto mostra que a área relacionada a alimentação conseguiu se sobressair dentre as outras manifestações identitárias africanas, com 27% do total de africanismos. O segundo campo semântico com mais ocorrências foi o campo da música, com 10 termos, o que totalizou 22%, seguido do campo da religião, com 7 termos, com 16%. Expressão de afeto foi o campo com 7% das ocorrências. Os demais campos apareceram em menor percentual. Os campos com 4% das ocorrências foram: desequilíbrio mental, sentimento ou sensação e dança. Os campos semânticos com menor aparição, com somente 2% de aparição nas letras foram: habilidade, denominação de indivíduos, saudação, jogo, grupo linguístico.

A pesquisa proporcionou o conhecimento dos africanismos que estiveram ou ainda estão, em uso no cotidiano brasileiro, refletido em letras da música. É exposto ainda as influências africanas na formação dos ritmos musicais e ainda no português do Brasil. A pesquisa explana ainda acerca do período de maior aparição da cultura africana retratada no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tania Maria. “ Esteriótipos Linguísticos: negros em charges do séc. XIX”, in Tania Maria Alkmim (org), **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002, vol. III – Novos Estudos.
- ALMEIDA, Renato. **História da música brasileira**. Primeira edição. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926.
- ALVARENGA, Oneyda. **Música Popular brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz? 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007. _____. **Preconceito Linguístico**. *Revista Presença Pedagógica*. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. 2.ed. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Letras/Topbooks editora, 2005. _____. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. Africanias.com, 01. 2011.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia — um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2001.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Marcas de Africania no português brasileiro**. Em: Africanias.com, n. 01, 2011. Disponível em: http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_1_2011/ac_01_castro.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2008.
- CHAVAGNE, J. –P. **La Langue Portugaise d’Angola**. (Unpublished Master’s dissertation). Université Lumière Lyon 2, Lyon, France. 2005.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.
- GALLET, Luciano. **Estudos de Folclore**, RJ: Carlos Wehrs e cia, 1934.
- GALVES, Charlotte. GRMES, Helder. RIBEIRO, F. Rosa. **África-Brasil: Caminhos da Língua Portuguesa**. PETTER, Margarida. O Continuum Afro-Brasileiro do Português. Campinas, SP: Ed. Unicamp. 2009.
- GOULART, Maurício. **Escravidão africana no Brasil - das Origens à Extinção do Tráfico**. Livraria Martins.1950.
- LABAN, Michel. **Mozambique**: particularités lexicales et morphosyntaxiques de l’expression littéraire en portugais. Document accompagnant une demande d’habilitation à diriger des recherches. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1999.

LOPES, Nei. **A presença africana na música popular brasileira**. Revista Espaço Acadêmico n° 50. 2005.

PAN, Mário e TELES Sandro. **A influência africana na percussão do Brasil**. Disponível em: <https://tabuleirocultural.wordpress.com/2008/03/26/a-influencia-africana-na-percussao-do-brasil-por-mario-pam-e-sandro-teles/>. Acesso 02 de agosto de 2019.

PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. 208 p.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012

MARANHÃO, Samantha de Moura. **A linguística brasileira e a influência de línguas africanas no português do Brasil**. Entrepalavras, Fortaleza, v.7, p. 568-590, ago./dez. 2017.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 3.ed. 2. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de. **A musica no Brasil: desde os tempos coloniaes até o primeiro decenio da Republica**. Salvador: Typographia de São Joaquim, 1908.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1932.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.